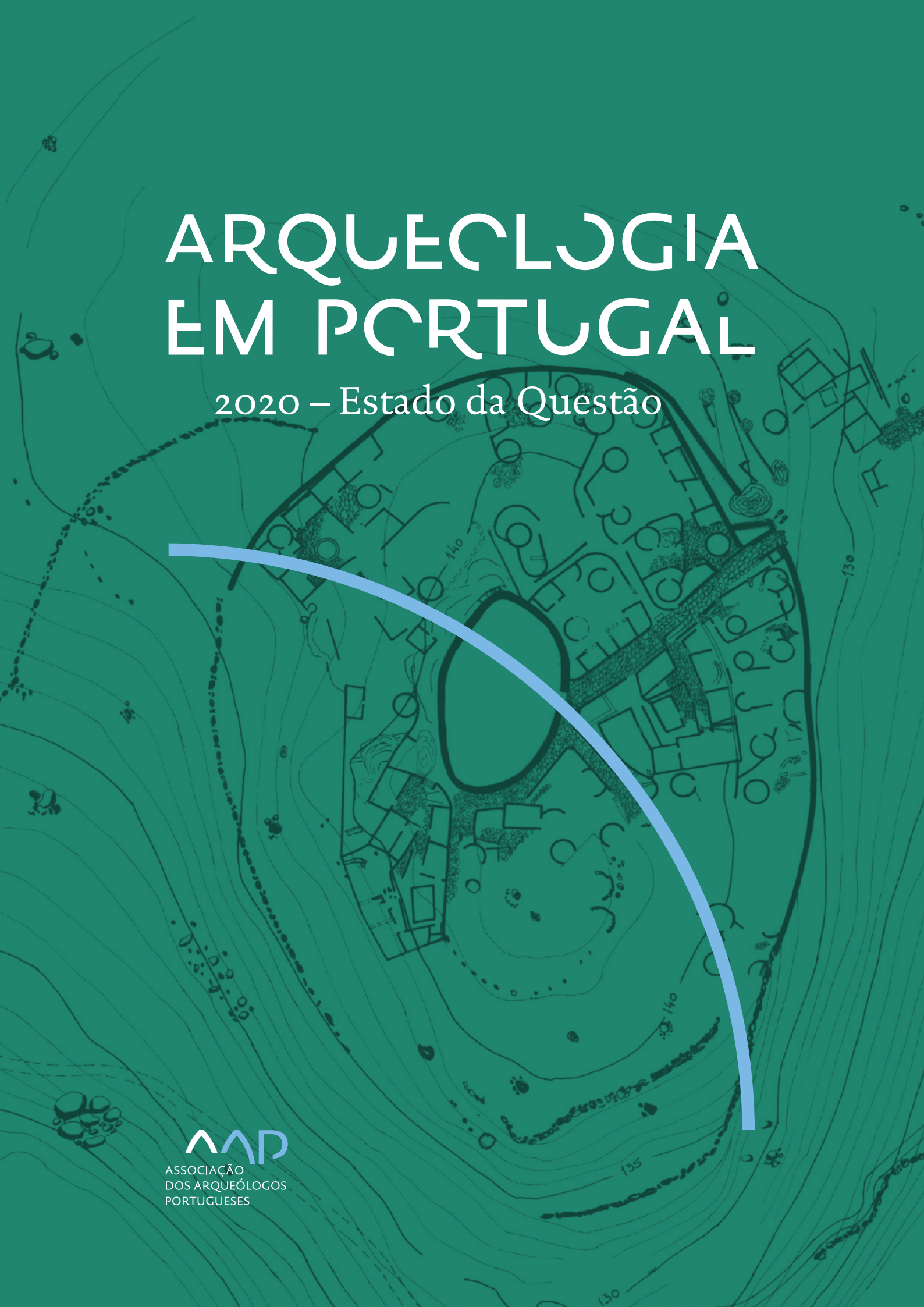
ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

Apoio

Índice

15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins

25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho

41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vítor Oliveira Jorge

57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz

73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís

85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão

101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins

115 *Os memoráveis*? A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva

129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos

155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro

165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro

179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido

203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek

223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro

237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto

251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado

263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro

273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto

285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira

297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares

311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Claúdio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes

337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida

351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil

363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo

377 "Conversa de Arqueólogos" – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias

389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas

399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros

411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado

427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes

431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes

447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos

459 O "Clã de Carenque", um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha

469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos

481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu

513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo

523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry

537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis

551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz

571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes

599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso

613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio

631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S

645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González

677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González

693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão

703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio

715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos

733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves

745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos

757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira

771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves

783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches

797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício

823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão

837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves

857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa

873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/ Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos

899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes

913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso

925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud

943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud

959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima

971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal

1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves

1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix

1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra

1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares

1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá

1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva

1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá

1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro

1141 A cividade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida

1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane

1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira

1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi

1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz

1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins

1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho

1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira

1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins

1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench

1277 "Casa Romana" do Castro de São Domingos (Cristelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos

1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos

1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez

1323 Um almofariz centro-itálico na foz do Mondego
Marco Penajoia

1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso

1347 O contexto funerário do sector da "necrópole NO" da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso

1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias

1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício

1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga* (Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa

1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vítor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia

1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes

1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho

1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro

1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro / Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso

1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica

1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos

1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional "português": algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes

1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes

1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos

1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos

1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues

1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de "sunken featured buildings", nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos

1585 O nordeste transmontano nos alvores da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira

1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira

1619 *"Portucalem Castrum Novum"* entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso

1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente

1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo

1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra

1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo

1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira

1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa

1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva

1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira

1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão

1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva

1775 *«Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta»*. Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe

1787 Cachimbos de Barro Caulínitico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro

1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida

1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes

1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias

1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira

1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires

1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa

1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto

1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira

1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira

1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos

1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes

1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain

1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães

1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe

1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez

2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo

2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges

2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira

2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira

2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado

2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva

2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristovão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva

2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad

2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José Mª. Señorán Martín

DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-25-1/arqa78

DO CASTRO DE S. JOÃO AO MOSTEIRO DE SANTA CLARA: NOTÍCIA DE UMA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA, EM VILA DO CONDE

Rui Pinheiro[1]

RESUMO
Este artigo tem como objectivo dar a conhecer os dados obtidos com a escavação arqueológica realizada no interior da cerca do convento de Santa Clara, em Vila do Conde, designadamente num dos seus socalcos localizado a nascente do edifício conventual. Após as sondagens de diagnóstico realizadas numa primeira fase e com os dados aferidos, foi realizada a escavação integral da área acima referida.
Palavras-chave: Arqueologia Preventiva, Arqueologia Moderna, Arqueologia Proto-Histórica.

ABSTRACT
This article aims to make known the data obtained with the archaeological excavation carried out on the terrace located to the east of the Santa Clara conventual building, in Vila do Conde. After the diagnostic surveys carried out in the first phase and with the measured data, the full excavation of the above-mentioned area was carried out.
Keywords: Settlement, Late Bronze Age, Megalithic mound, Archaeological Conservation and enhancement, Albergaria-a-Velha.

1. INTRODUÇÃO

O Convento de Santa Clara, em Vila do Conde, está localizado no concelho epónimo, distrito do Porto, e tem as seguintes coordenadas:
– Lat: 42º 21'08" N.
– Long: 8º 44'20" W; Alt. 17 m (Fig. 1).
A intervenção arqueológica realizada no Mosteiro de Santa Clara, em Vila do Conde, foi realizada no âmbito de um projeto de reconversão do espaço conventual numa unidade hoteleira de 5 estrelas. Os trabalhos arqueológicos foram realizados pela ERA-Arqueologia S.A., e tiveram como arqueólogo responsável Rui Pinheiro, que dirigiu os trabalhos de campo.
Os trabalhos arqueológicos seguidamente descritos iniciaram-se em Outubro de 2019 e ficaram concluídos no início de Junho de 2020.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

No lugar onde hoje se localiza o Convento de Santa Clara existiu um castro da Idade do Ferro. Posteriormente, já em época medieval, séc. X, foi construída uma Igreja dedicada a São João, construção comprovada através de um documento datado do ano de 953 (Ferreira, 1923 e Freitas, 2001).
D. Afonso Sanches (1279-1329), filho bastardo de D. Dinis, adquiriu o senhorio de Vila do Conde e em conjunto com a sua mulher, D. Teresa Martins, fundou o mosteiro em 7 de maio de 1318 (Neves, 1982, p.15). O mosteiro foi dedicado a Santa Clara, com o intuito de ser entregue a freiras com votos de obediência, castidade e pobreza.
De referenciar, segundo Neves (1982, p.167), que pouco se sabe do primitivo mosteiro, do qual res-

1. ERA-Arqueologia, S.A.; ruipinheiro14@omniknos.pt.

ta, além da igreja, parte do claustro e a casa do capítulo. Frei Fernando da soledade, na Memória dos Infantes, apenas afirma que o "edifício tinha grande material" (Neves, 1982, p.167). O dormitório e os outros espaços do mosteiro, incluindo a casa do capítulo, situavam-se em torno do claustro. Arquitetonicamente poderia ser semelhante ao mosteiro de Santa Clara de Coimbra (Coelho, 2014).

No século XVIII foi construído o aqueduto destinado a abastecer de água o Mosteiro. A concretização do aqueduto coube à abadessa D. Bárbara Micaela de Ataíde, com projeto do engenheiro Manuel Pinto de Vila Lobos de Viana do Castelo. Iniciado em 1705, foi inaugurado em 20 de outubro de 1714 (Miranda, 1998, p.43-44). É um dos mais extensos de Portugal com 999 arcos.

No séc. XVII, as freiras de Santa Clara começaram a pretender edificar um novo espaço conventual, porém a ampliação foi adiada por falta de recursos financeiros e só se concretizou no século seguinte. O novo mosteiro deve-se, no que se refere à sua construção, à iniciativa de D. Luísa Gertrudes de Luna e Azevedo, que foi abadessa entre 1777 a 1780. O projeto foi entregue ao arquiteto Henrique Ventura de Sousa Lobo, de Adaúfe, tendo ocorrido o lançamento da primeira pedra a 29 de junho de 1778 (Miranda, 1998, p.24).

Em 1788, as freiras começaram já a pernoitar no novo dormitório, apesar das obras ainda não estarem terminadas. Em 1801 foi inaugurado o novo refeitório, situado na ala ocidental (Diniz, 2009, p.158). Na porta do topo deste espaço do convento, existe uma inscrição comemorativa da conclusão da obra.

Outras construções que ainda subsistem devem ser igualmente do séc. XVIII, designadamente dois portais barrocos, ambos encimados por frontão, um situado no Largo D. Afonso Sanches e outro que foi deslocado para a cerca do convento, situada a Oriente (Rua Nuno Alvares Pereira).

No séc. XIX, o novo dormitório do convento, não chegou a ser concluído durante o período que esteve sob a alçada das Clarissas devido às Invasões Francesas, Guerra civil e extinção das ordens religiosas, em 1834. No entanto o convento continuou a ser habitado por freiras. Segundo Coelho (2014, p.52), desde 1825 que as obras foram interrompidas, ficando apenas concluída a ala sul. A fachada ocidental ficou com dois corpos terminados; a fachada oriental ficou com o corpo extremo, junto à frontaria, e três janelas em cada andar. Nessa época, segundo Coelho (2014, p.56), continuava de pé e a funcionar o velho dormitório.

Em 1886, na ala voltada a poente, onde havia algumas celas habitadas, uma tempestade causou o derrubamento de um dos fogarés que rompeu o telhado, destroçou os vigamentos e atravessou o andar superior (Neves, 1982, p.168).

No final do século XIX o convento era um edifício inacabado (a ala sul era a única terminada).

Em 19 de Abril de 1902, uma portaria colocou o edifício conventual à disposição do estado. O convento passou a dependência do Ministério da Justiça, para nele ser instalada a Casa de Detenção e Correção, inaugurada em dezembro de 1902. Em 1903, foi efetuado um projeto de adaptação que ficou a cargo da Direção das Obras Públicas do Porto.

Uma derrocada entre 1910 e 1915 fez ruir o primitivo dormitório. Segundo Coelho (2014, p.22), terá sido nessa altura que o claustro perdeu a forma, restando apenas de pé uma das alas laterais. Em 1915, houve um projeto de reparação e obras diversas que teve prossecução em 1922, consistindo essencialmente na demolição de anexos.

Com o restauro da igreja, pela DGEMN, em 1927, esta iria ficar definitivamente separada do Convento, que foi muito alterado na década de 30 do século passado. A proposta contida num ofício da Direção dos Edifícios Nacionais do Norte pretendia concluir a construção das alas poente e nascente de forma a que o reformatório tivesse uma planta em U (Diniz, 2009, p.170-171).

Entre 1936 e 1940 foram realizadas obras no convento, mas foi no interior que houve uma maior profundidade dos arranjos.

Comparável a outros edifícios e palácios da época, como o Palácio da Ajuda, o convento de Santa Clara destaca-se também por ter ficado inacabado (embora tenha sido terminado no século XX). Este edifício tem sido integrado no período do Neoclassicismo por razões de ordem cronológica e estilística.

3. ESCAVAÇÃO EM ÁREA (SOCALCO NASCENTE)

Após a abertura de 4 sondagens de diagnóstico arqueológico na primeira fase dos trabalhos num dos socalcos a nascente do edifício conventual, e tendo em consideração a identificação de várias realidades arqueológicas, ficou determinado em reunião realizada no local (dia 10 de outubro de 2019), onde

estiveram presentes o promotor de obra, a tutela, empresa executante e Câmara Municipal de Vila do Conde, a necessidade de se intervencionar toda a plataforma em análise (830 m2) até a níveis estéreis do ponto de visto arqueológico.

Em termos gerais, e em primeiro lugar, verificou-se, após a retirada do nível de circulação em cimento da plataforma existente, um potente nível de entulhamento para a construção da respectiva plataforma (obras realizadas nos anos 30/40 do século XX). Nos trabalhos referenciados foi também possível colocar à vista, para além da vala de fundação da ala Este do actual edifício conventual, uma série de aterros/sedimentos que cobriam ou encostavam a várias estruturas.

Estes sedimentos com uma forte pendente NW-SE forneceram fragmentos de azulejos, faianças, cerâmica comum, vidrados de chumbo, entre outros, e que nos permite balizar estes aterros entre o século XVII e meados do século XVIII.

As estruturas identificadas (que se encontravam cobertas pelos aterros já mencionados), podem ser datadas entre os inícios da Idade Moderna e finais do século XVII/inícios do século XVIII.

Apesar de ainda não ter sido possível clarificar a devida funcionalidade das estruturas mencionadas, consideramos como hipótese que este conjunto de estruturas possam estar relacionadas ou terem feito parte de uma zona de lazer/meditação das freiras do convento.

As estruturas numeradas com as unidades [920] [921] [924] [923] e [922], piso em saibro compactado, correspondem à última fase de utilização deste espaço como zona de "recreio/lazer".

A unidade [921] corresponde a umas escadas que, por sua vez, estão inseridas num muro (unidades [920] e [923]). Este é constituído por um reaproveitamento de alguns elementos arquitectónicos e por silhares aparelhados, não tendo qualquer tipo de ligante. Esta estrutura com uma orientação S-N, aproximadamente, serviria como muro de "suporte" para um patamar constituído pela unidade [924], um nível de circulação constituído por um empedrado.

O piso em saibro compactado, identificado com a unidade [922] está localizado (encosta) ao primeiro degrau das escadas, ou seja, no lado exterior do espaço delimitado pela estrutura identificada com a unidade [920].

Após o desmonte destas estruturas e derrubes associados à ruína das mesmas, unidades [926] [930], foi possível percepcionar um espaço delimitado pelas estruturas/muros identificadas com as unidades [927] [929] e [1015]. Este espaço foi interpretado como um corredor, existindo no topo Norte do mesmo, vestígios de escadas de acesso a um patamar superior que existiria no lado Norte da estrutura [1015] (Figura 2).

A estrutura identificada com a unidade [929] é constituída por alvenaria de pedra aparelhada em aparelho insosso. Esta estrutura é de uma só face, isto é, só tem a face interna da estrutura bem definida.

O muro que delimita a Norte o corredor [1015] é um muro constituído quer por elementos arquitectónicos reaproveitados, quer por alvenaria de silhares aparelhados. O aparelho é insosso e muito provavelmente seria um muro de dupla face. Esta é apenas uma mera hipótese já que a face interna da estrutura estava já bastante destruída pela construção do muro de suporte/delimitação do patamar existente a Norte da área intervencionada.

No alçado e base deste muro temos ainda vestígios das escadas que permitiriam o acesso da área do corredor ao patamar superior.

Este espaço - corredor - estaria recoberto a azulejos, visto que, junto à estrutura/muro identificado com a unidade [927] (a estrutura cronologicamente mais antiga deste conjunto) detectou-se um derrube de azulejos de meados do século XVII.

A Sul da estrutura [927] foi possível também colocar a descoberto umas escadas [928] que ligariam o espaço delimitado pelo corredor a um patamar delimitado por esta mesma estrutura.

Em termos cronológicos, o corredor mencionado (embora esta cronologia careça de confirmação) poderá ser um espaço do século XVII.

A estrutura mais antiga que provisoriamente poderá datar da Baixa Idade Média, é constituída pelas unidades [927] e [1008]. Esta é a única estrutura argamassada e sem qualquer tipo de elemento arquitectónico reaproveitado.

Deste momento cronológico escavou-se uma sepultura em forma de caixa constituída por pedras avulsas. Esta sepultura tem uma orientação W-E e encosta ao muro identificado com a unidade [1008].

O contexto fúnebre mencionado encontrava-se vazio e não forneceu material arqueológico, mas pela sua posição estratigráfica e pela sua tipologia podemos datar o contexto em análise entre os finais do século XV e o século XVII.

Fora deste conjunto de estruturas, e sem qualquer

ligação física às mesmas, foi também possível identificar – na zona Oeste da escavação – uma estrutura, interpretada como um muro de sustentação/delimitação de um socalco (unidade [946]). Esta estrutura, de uma só face, é constituída por pedra aparelhada de média e grande dimensão; o seu interior/miolo é constituído por terras mais escuras, saibros e pedra imbrincada. No que se refere à sua cronologia, ainda não nos foi possível com clareza aferir a seu espaço temporal.

Para permitir a construção das estruturas datáveis da Baixa Idade Média e, posteriormente, das estruturas mais recentes, toda a área Este da escavação – com uma forte pendente topográfica – foi nivelada/entulhada por uma camada de saibro de cor amarelada [977], sendo este entulhamento, em certas zonas, bastante espesso (nivelamento permitiu a regularização do terreno nesta zona).

Sob esta camada de nivelamento [977] foi possível averiguar um nível de terras mais "limpas", de coloração acinzentada [994], que cobrem estruturas/derrubes da Proto-História, bem como o topo de enchimentos de estruturas negativas cronologicamente enquadráveis na Idade do Bronze Final e da Idade do Ferro.

Durante o processo de escavação foram identificadas 4 casas do período Proto-Histórico (casas redondas). Das quatro casas referenciadas foi possível ver a planta completa de três, porque uma das casas só está parcialmente escavada, já que se prolonga para lá do limite Sul da escavação.

A casa identificada com a unidade [1154], identificada nas sondagens prévias anteriormente realizadas, tem uma planta circular com um diâmetro exterior de 5,45m. O aparelho do muro é constituído por pedra aparelhada, sem marca de pico, de pequena e média dimensão sendo o seu interior preenchido por pedra miúda e saibros compactados. O aparelho é disposto/colocado de uma forma tendencialmente horizontal.

Desta casa não se detectou nenhum nível de circulação, estando o seu interior repleto de estruturas negativas, provavelmente anteriores à construção da casa.

A estrutura da casa acompanha a pendente do substrato geológico e o acesso ao seu interior, muito provavelmente estaria virada a SW onde existem umas pedras aparelhadas de média dimensão dispostas horizontalmente, o que nos poderá indiciar a existência de uns degraus ou uma "espécie" de soleira.

No lado NE constatou-se que o muro da casa, designadamente na sua base, possuía um espessamento elaborado provavelmente para compensar o desnível do terreno e dar mais solidez à parede da casa nesta zona (Figura 3).

No que se refere à segunda casa castreja, com a planta igualmente completa, localiza-se junto ao limite Sul da área intervencionada.

Esta casa, unidade [2063], tem um diâmetro exterior de 4,90 m e a espessura média da parede da casa é de 50cm.

O aparelho desta parede é constituído por pedras aparelhadas de pequena e média dimensão, dispostas em fiadas tendencialmente horizontais, não tendo as pedras qualquer marca de pico.

O interior da parede é constituído por pedras miúdas com saibros compactados.

Durante o processo de escavação da casa, no lado exterior e interior, foram recolhidos vários fragmentos/bocados de argamassa de cal o que nos poderá indiciar que quer o alçado exterior, bem como o interior da casa poderiam ter sido rebocados a cal. Todavia, nos alçados da casa não se observou qualquer vestígio de reboco. A casa em análise, tal como a anterior está mais bem conservada no seu lado NW.

No interior desta estrutura habitacional foi possível identificar 3 níveis de ocupação/pisos mais um conjunto de pedras dispostas horizontalmente [2061] que poderão fazer parte do 1.º nível de ocupação (soleira referente à entrada da casa, ou estas serem um outro nível de ocupação do interior do espaço).

O 1.º piso identificado (3º nível) no interior da casa [1296] é constituído por uma camada saibro compactado e encosta ao capeamento lateral da sepultura identificada no seu interior.

O 2.º piso [2011] (2.º nível) identificado é constituído por uma mancha de argila cozida muito compacta, com inclusões de carvões.

O 3.º piso (1.º nível de ocupação) é constituído por saibros compactados. O nível de circulação é também cortado por uma sepultura identificada no seu interior.

Para a construção desta casa, as comunidades que habitaram o local terraplanaram a área com uma camada de saibro esbranquiçado que cobriu estruturas, em negativo, de cronologias mais antigas.

De referir ainda que no interior da casa identificada com a unidade [2063] foi identificado parte de um muro que poderá ser uma divisão interna do espaço doméstico [2067]. A largura da parede desta estru-

tura é de 38 cm e o aparelho da construção é constituído por pedras aparelhadas de pequena e média dimensão em fiadas tendencialmente horizontais. O seu interior é constituído por pedra miúda compactada com terra (Figura 4).

A 3.ª casa identificada na escavação arqueológica é igualmente de morfologia circular, unidade [2041]. Em termos construtivos é constituída por pedra aparelhada de pequena e média dimensão, disposta em fiadas tendencialmente horizontais sem argamassa entre elas. O interior da parede é constituído por pedra miúda e saibro compactado. O seu diâmetro não foi possível de aferir já que esta se prolonga para lá dos limites da escavação (corte Sul).

A 4.ª casa deste período, caracterizada com a unidade [2126], encontra-se localizada a Este da casa anteriormente referida. Esta é de planta circular, tem 5,20 m de diâmetro exterior, um alçado máximo conservado de 1,25 m, sendo a largura da sua parede de 50 cm.

O aparelho desta parede, também, é constituído por pedras aparelhadas de pequena e média dimensão, dispostas em fiadas tendencialmente horizontais, não tendo as pedras qualquer marca de pico.

No interior desta casa temos uma situação análoga à 3.ª casa, nomeadamente uma estrutura a dividir o seu espaço, contudo, nesta situação, a divisória é constituída por pedras afeiçoadas de alguma dimensão sem argamassa entre elas (Figura 5).

A cronologia proposta para as quatro casas circulares é a II Idade do Ferro.

Convém, no entanto, realçar que a cronologia mencionada carece ainda de confirmação, visto que só após o estudo do espólio exumado é que poderemos corroborar a hipótese agora levantada.

Facto importante, e de salientar, é a inexistência de vestígios de romanização do espaço, isto é, não foram identificados tégulas, imbrex, bem como muros ortogonais à maneira romana.

Dos inícios da Proto-História (Idade do Bronze Final e I Idade do Ferro), escavaram-se várias estruturas em negativo de morfologias e funcionalidades variadas.

A contabilização destas, à data da redacção deste artigo, não se encontra realizada, mas são efetivamente várias dezenas (Figura 6).

Das estruturas negativas identificas na escavação arqueológica, vamos destacar algumas pela sua singularidade:

A estrutura localizada junto à parede Este do Convento pela sua monumentalidade merece algum destaque. Esta tem uma orientação NE-SW (aproximadamente), as paredes ligeiramente oblíquas e o fundo é organizado em patamares/socalcos. No que se refere à sua dimensão, constatou-se que é bastante mais larga no seu extremo Sul do no extremo Norte. O espólio detetado no depósito de enchimento [949] remete-nos para uma cronologia da Idade do Ferro.

A funcionalidade desta estrutura não nos foi possível de aferir, mas esta, tem paralelos com estruturas do tipo "fosso".

– A estrutura identificada com a unidade [1141] é constituída por duas por câmaras, sendo que a entrada para o seu interior encontra-se localizada a Este. A zona interpretada como antecâmara (entrada) tem uma forma subquadrangular apesar da sua irregularidade. As paredes são ligeiramente oblíquas e na sua zona central tem uma estrutura tipo "fossa" para implantar um grande monólito fincado [1131].

  A zona interpretada como câmara, tem uma forma subrectangular, paredes rectas e/ou ligeiramente oblíquas e fundo aplanado.

  Quer na zona divisória, entre câmara e antecâmara, e entre esta e o exterior, existe um conjunto de pedras aparelhadas de pequena dimensão que nos parece ser o fecho destes espaços.

  O pouco material recolhido desta estrutura remete-nos para uma cronologia do Bronze Final, e com todas as reservas, poderemos levantar a hipótese de esta estrutura ser um possível hipogeu.

– A estrutura identificada com a unidade [1277] foi interpretada como um hipogeu. Esta é constituída por duas câmaras ligadas por uma pequena passagem.

  Esta estrutura negativa tem uma orientação S-N, aproximadamente. A câmara situada a Sul – a antecâmara –, tem uma forma subovalada, fundo côncavo, tendo na parede Sul umas pequenas "escadas" de acesso ao interior. A câmara situada a Norte – a câmara – tem uma forma, também, subovalada, paredes côncavas e ainda se conserva parte do tecto/cobertura desta. Da câmara exumou-se um crânio e da antecâmara uma omoplata direita e mais um conjunto de ossos humanos.

  O material exumado remete-nos para uma cronologia entre o Bronze Final e Idade do Ferro,

mas o hipogeu não estava selado, isto é, o que se escavou no seu interior corresponde a um momento posterior ou contemporâneo da sua ruína (Figura 8).

– Perto da estrutura anteriormente referida intervencionou-se igualmente uma estrutura negativa interpretada como sendo uma possível cabana.

Esta é constituída por uma câmara de forma subovalada, conservando parcialmente o seu tecto/cobertura. As suas paredes são côncavas e fundo rampeado para o seu interior.

A sua entrada é constituída por um acesso rampeado onde existe um buraco de poste.

O material exumado remete-nos para um período de transição entre o Bronze Final e I Idade do Ferro (Figura 9).

– Junto ao limite Sul da escavação escavou-se uma estrutura tipo "valado" com as paredes oblíquas fundo aplanado com uma pendente para Sul. O material recolhido do enchimento desta estrutura remete-nos para uma cronologia entre a Pré-história Recente e o Bronze Final.

Também datável do Bronze Final escavacou-se uma cabana constituída por uns buracos de poste e três negativos de forma alongada, que nos poderá indiciar o uso de uma pequena paliçada. Esta cabana está localizada no interior da casa identificada com a unidade [2063] e é anterior a esta.

De enaltecer igualmente a recolha de alguns fragmentos cerâmicos do tipo "Penha", bem como a identificação no interior de uma estrutura de combustão uma peça com uma forma globular que nos poderá indiciar o facto de que, pelo menos, algumas das estruturas negativas intervencionadas poderão ter uma cronologia mais antiga.

– No que se refere a outros contextos fúnebres foram escavadas, até ao momento, 6 sepulturas com inumações primárias, sendo que todos os indivíduos são do sexo masculino.

Apesar de ainda não podermos atribuir uma cronologia mais precisa existe a possibilidade (necessita de ser corroborada) de as sepulturas serem anteriores ao século XV.

Uma destas sepulturas [1294] quer pela sua localização (identificada no interior da casa redonda identificada com a unidade [2063]), quer pelas suas relações estratigráficas com os pisos da estrutura habitacional merece um especial destaque pela sua singularidade e raridade (Figura 10).

4. CONCLUSÃO

Até à presente data, tendo em consideração os trabalhos arqueológicos já realizados num dos socalcos localizados a nascente (e no interior da cerca) do Convento de Santa Clara foi possível estabelecer 6 níveis crono estratigráficos relativos à ocupação do espaço:

– 1.º nível. Esta fase de ocupação corresponde à construção dos socalcos e respectivo entulhamento/nivelamento dos mesmos nos anos 30/40 do século XX.

– 2.º nível. Esta fase corresponde à vala de fundação e construção do actual edifício conventual em 1778.

– 3.º nível. Este nível enquadra-se na Idade Moderna, bem como ao momento construtivo de uma série de estruturas associadas a um possível espaço ajardinado/lazer em patamares para vencer a pendente do terreno.

– 4.º nível. Esta fase corresponde às estruturas identificadas com as unidades [927] e [1008] (provavelmente um primeiro espaço de ajardinado/meditação enquadrável na Baixa Idade Média/inícios da Idade Moderna).

– 5.º nível. Este nível enquadra-se na Proto-História (Idade do Ferro) e engloba derrubes e uma casas redondas.

– 6.º nível. Esta fase está associada a uma série de estruturas escavadas no substrato geológico – estruturas negativas – inseridas cronologicamente na Idade do Bronze Final e na Idade do Ferro.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1974) – Necrópole galaicoromana de Vila do Conde. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto. 45, pp. 209-222.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1995) – *A romanização no concelho de Vila do Conde.* Vila do Conde.

DINIZ, Sofia (2009) – O Convento de Santa Clara de Vila do Conde: Cento e Seis Anos de Memórias. In: AA VV – *Arquitetura de Serviços Públicos em Portugal: os internatos na justiça de menores, 1871-1978.* Direção Geral da Reinserção Social – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.

DINIS, António Pereira (1999) – *Povoamento do Baixo Ave no 1 milénio A.C. Actas* do 2º Congresso de Arqueologia Pe-

ninsular, Zamora, 1996. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques. Tomo III. p. 3748.

COELHO, Denise (2014) – *(Re)Interpretar o Convento de Santa Clara de Vila do Conde, do Estudo à Representação*. Tese de Mestrado. Escola de Arquitetura da Universidade do Minho.

FERREIRA, J. Augusto (1923) – *Vila do Conde e seu Alfoz*. Porto: Edições Marques Abreu.

FREITAS, Eugénio da Cunha (2001) – *Vila do Conde. História e Património*. 2. Vila do Conde.

MIRANDA, Marta (1998) – *Vila do Conde*. Lisboa: Editorial Presença.

NEVES, Joaquim (1982) – *O Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde (Pequena crónica de um grande mosteiro)*. Gabinete de Cultura da Câmara Municipal de Vila do Conde.

PINTO, Paulo Costa (2000) – Vila do Conde Arqueológica. *Almadan*. Almada. 2ª série: 9, p. 147150.

SEVERO, Ricardo, CARDOSO, Artur e SARMENTO, Francisco Martins (1886) – Notícias archeológicas sobre o Monte da Cividade. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 3:3, p. 137145.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins e Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

BARKER, P. (1989) – *Techniques of archaeological excavation*. 2 ed. [1ª Ed. 1977], London.

CARTOGRAFIA

Carta Militar de Portugal, Serviço Geográfico do Exército; Escala 1: 25 000; Folha nº96.

Carta Geológica de Portugal, folha 31-A, Escala 1/ 50 000, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, Serviços Geológicos.

PÁGINAS DE INTERNET

Portal do Arqueólogo: http://arqueologia.patrimoniocultural.pt

Atlas do Património Classificado e em Vias de Classificação: http://geo.patrimoniocultural.pt/

Figura 1 – Localização da área de intervenção – Convento Santa Clara, Vila do Conde. Fonte google earth.

Figura 2 – Vista sobre as estruturas da Idade Moderna e Baixa Idade Média. Autor Rui Pinheiro.

Figura 3 – Vista de NW sobre a casa redonda. [1154]. Autor Rui Pinheiro.

Figura 4 – Unidade [2063], onde se vê no interior da casa vestígios de uma cabana anterior a esta unidade. Perspectiva de Sul. Autor Rui Pinheiro.

Figura 5 – Vista de SW sobre a casa redonda identificada com a unidade [2126]. Autor Rui Pinheiro.

Figura 6 – Perspectiva final sobre a área intervencionada tirada com o drone. Estruturas negativas e casas redondas. Autor João Hipólito.

Figura 7 – Vista de SW sobre a estrutura tipo "fosso". Autor Rui Pinheiro.

Figura 8 – Vista sobre a estrutura tipo "hipogeu" onde no 1º plano se vê a antecâmara e em 2º plano a câmara. Autor Rui Pinheiro.

Figura 9 – Perspectiva de NW sobre a estrutura identificada como cabana. Autor Rui Pinheiro.

Figura 10 – Vista sobre a sepultura localizada no interior da casa redonda, identificada com a unidade [2063]. Autor Rui Pinheiro.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

MAC MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

CITCEM CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

U.PORTO FLUP FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

museu

250 PENAFIEL 1770 - 2020